

Comunicação Digital e Inteligência Artificial: uma Análise Crítica da Cultura do “Inevitável Progresso” Alimentada Pelas Mídias.¹

Jader Cleiton Damasceno de OLIVEIRA²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este artigo analisa o impacto das narrativas midiáticas sobre a inteligência artificial (IA) e a ideia de um “inevitável progresso” a ser consumido e vivido pela população em tempos de midiatização profunda (HEPP, Andreas, 2018) na comunicação empresarial e jornalística. A pesquisa utiliza um levantamento de notícias em portais brasileiros, categorizando a força discursiva por meio de uma régua de impacto social. Os resultados indicam que a percepção sobre a IA varia conforme o contexto abordado, sendo mais alarmante no campo do trabalho. A partir de uma abordagem crítica a contrapelo (BENJAMIN, 1987), discute-se a relação entre mídia, tecnologia e manutenção do status quo, enfatizando a necessidade de uma comunicação mais engajada, emancipatória e democrática.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação midiatizada; inteligência artificial; mídia cotidiana; cultura do progresso.

CORPO DO TEXTO

A pesquisa é resultado das inquietações adquiridas em decorrência da construção hiper massiva, que Andreas Hepp (2018, p. 22) chama de midiatização profunda. Neste ambiente que se constrói, ou se alimenta, o sentido ontológico dado ao digital e sua inevitável absorção e retroalimentação como parte fundamental e irrevogável do ser e estar no mundo contemporâneo. Tendo a própria mídia digital e clássicas — nacionais e internacionais — como principais cavalos publicitários.

Desta forma, a pesquisa mergulha na construção aguda e profunda do sentido ontológico colado a tecnologia e ao digital como partes do princípio constituidor das relações sociais cotidianas pós-globalização. Além disso, sua absorção inevitável como parte fundamental do ser-estar no mundo contemporâneo difundida nas e pelas mídias.

¹ Trabalho apresentado no GT Estudos em Comunicação (GT 18SE), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF), e-mail: jaderd@id.uff.br

Para entender o fenômeno da cultura de comunicação empresarial e os processos de cultivo civilizatório moderno (Raymond 2007, p. 119), a pesquisa utiliza a busca do Google, na categoria notícias, mapeando as tags de utilizada por sites brasileiros (ou com sedes no Brasil) com as palavras #comunicação-IA; #jornalismo-IA e #trabalho-IA. Desta busca foram selecionadas as cinco primeiras notícias relacionadas ao tema e que fizessem menção às palavras categoriais aplicadas no levantamento inicial da internet.

Para análise foi proposta uma régua dialética (Engels 1890, p. 720). evidenciando as contradições e impactos sociais (figura 1) a partir dos enunciados propostos nos títulos (manchetes) e resumos (lead). A régua foi pensada e estruturada em graus da esquerda para a direita, sendo estes *negativo (N)*; *indiferente negativo (IN-)*; *indiferente (IN)*; *indiferente positivo (IN+)* e *positivo (P)*.

Foram identificadas 15 notícias a partir da rede de palavras-chaves indicadas. Dessa, duas se encaixaram em (N), sendo elas do setor #jornalismo #IA; quatro em (IN -), sendo elas 1 do ramo #comunicação #IA e 3 de #trabalho #IA; duas em (IN) relativas ao campo #jornalismo; uma (IN -) também do âmbito #jornalismo e 6 (P) divididas entre 4 na esfera #comunicação #IA e 2 em #trabalho #IA.

O que pôde ser observado previamente é que as notícias ficavam mais alarmantes à medida que a régua de busca se deslocava para a categoria trabalho. Esse fato, em parte, decorre do caráter abstrato do conceito de comunicação e suas amplas utilizações sociais, científicas e políticas (Sodré 2017, p. 10).

Esses dados tornam-se ilustrativos ao mostrar a emergência de pensar o fenômeno como dado agudo do modo como a mídia tem cultivado o imaginário social com a premissa da tecnicidade como inevitáveis resultantes do progresso e relações sociais quando olhadas sob a ótica da modernidade capitalista universal, miríade ocidental.

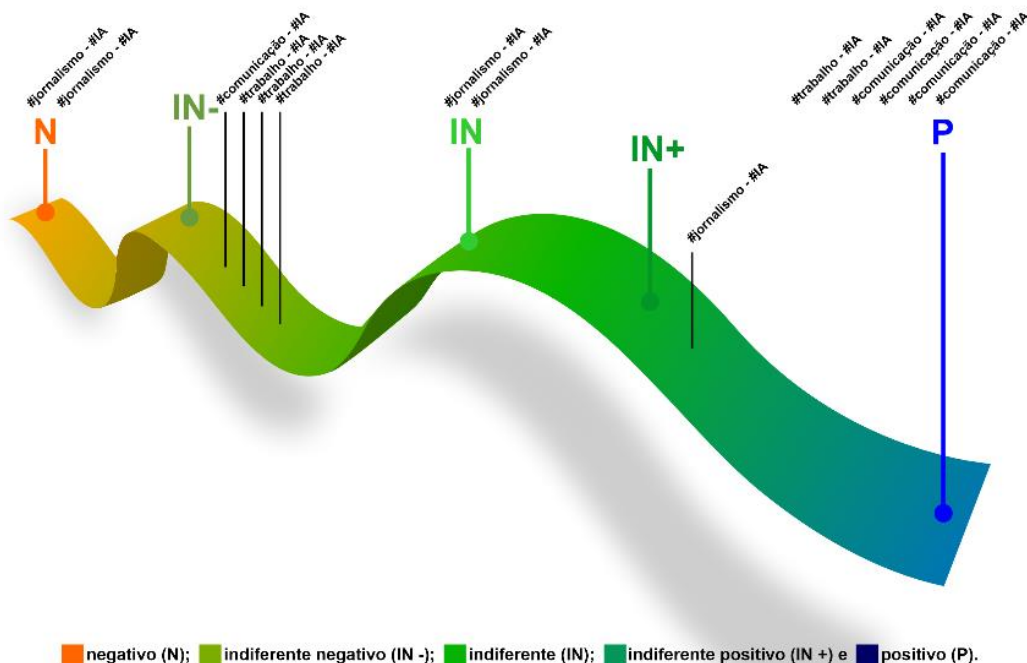
O impacto social das matérias nos permite visualizar e discutir o caráter da formação profissional dos jornalistas. Além disso, investigar o perfil cultural das empresas é fundamental para compreender a manutenção do status quo, operando como um lugar recorrentemente hegemônico a serviço do capital.

Nas palavras de Dominique **Wolton**, “(...) atualmente a ideia de progresso está estritamente identificada com as novas tecnologias de comunicação.” (WOLTON, 2012, p. 31).

Compreende-se, dessa forma, que a suposta neutralidade e a não opinião das empresas e jornalistas profissionais para a construção das matérias estejam em grande medida alinhadas aos marcadores de categoria negativo (N); indiferente negativo (IN-).

Como se diz na física, para haver movimento são necessárias mudanças ou deslocamento de posição no espaço-tempo em relação à referência. No sistema capitalista neoliberal, a regra predominante é a busca pelo lucro, independentemente das consequências sociais que isso possa acarretar tanto no âmbito macro quanto micropolítico.

Figura 1: Régua de Impacto Social.



Fonte: autor

Podemos concluir que buscar o sonhado progresso nos ensinou a extrair sem limites, produzir em excesso e descartar tudo que é considerado sobras, restos e excedentes da técnica não-humana; até mesmo os humanos inúteis.

O progresso prometido nas notícias e seus inevitáveis avanços são incansáveis em busca do que nunca chega. Como nos fala Ailton Krenak em “*A vida não é útil*” (2020), “a modernidade é cheia de artifícios” um deles é a fatal salvação na tecnologia digital. Ele segue: “há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade — alguns de nós fazemos parte dela” (KRENAK 2020, p.7).

A digitalização da vida, bem como as relações financeiras que nos organizam enquanto sociedades ocidentais modernas, deságuam quase que majoritariamente na sobreposição de crises e nos apagamentos dos comuns.

Neste percurso, é mais confortável, para não pronunciar conveniente, abandonar até mesmo os sentidos de vínculo social da comunicação que nos possibilitaram existir enquanto espécie. De acordo com Muniz Sodré (2002) “o objeto da comunicação não é a mídia, é a vinculação humana. Ou seja, como é que nós socialmente, e porque socialmente, estamos juntos. [...] Há, para além do trabalho, para além da economia, uma coisa chamada vínculo”.

Nas palavras de Krenak (2020) podemos afirmar que o progresso da modernidade predatória é um incessante caminhar em busca do horizonte inatingível. Diz ele: “há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade — alguns de nós fazemos parte dela” (Krenak, 2020, p.7).

Neste cenário de midiatização profunda e barbárie (ADORNO 2024 p. 155), onde tanto a comunicação quanto a cultura cumprem papéis cruciais, a disputa entre a manutenção compulsória e a difícil emancipação sociopolítica é um fenômeno de comunicação urgente. As notícias podem, em partes, ampliar o esvaziamento e fortalecer o status quo ou, em contrapartida, provocar consideráveis dissidências coletivas, reposicionando as formas-pensamento sociais em direção ao bem coletivo.

Com a consolidação do digital na vida cotidiana, as relações e os sentidos transformaram-se radicalmente. Essa mudança acentuou-se a partir da maneira como as informações foram sendo produzidas, distribuídas e consumidas numa lógica acelerada/fragmentada, assim como o valor cultural que lhes é atribuído. Portanto, esse valor pode manter ou romper com o modelo de vida num tempo histórico.

Deste modo, acreditamos que a reapropriação do campo comunicacional (Castells, 1999, p. 40), aliada às práticas e críticas culturais, adquire relevância significativa para combater as crises do nosso tempo. Esse movimento de crítica material torna-se crucial para a formulação e aprimoramento das democracias, destacando a emancipação, horizontalidade, descentralização e laicidade dos poderes e relações sociais.

A democratização da informação, a participação cidadã, o debate público crítico e o letramento cultural-comunicacional são aspectos centrais para o debate do presente. Essas tangentes citadas anteriormente devem ser reavaliadas urgentemente, visto as emergências coletivas, a velocidade das novíssimas tecnologias, os agudos avanços das dinâmicas políticas neofascistas e as crises socioambientais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Paz e Terra, 2024.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DE CARLI, Anelise Angeli; DA COSTA, Andriolli de Brites. **Pela atenção ao comum: entrevista com Muniz Sodré**. Intexto, p. 4-10, 2017.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HEPP, Andreas; BREITER, Andreas; HASEBRINK, Uwe. **Figurações comunicativas: Transformando comunicações em tempos de profunda midiatização**. Springer Nature, 2018.

ENGELS, F. **Letters on Historical Materialism. To Joseph Bloch**. [1890]. p. 760-765. in TUCKER, Robert C. (org.) *The Marx-Engels reader*. 2. ed. New York: W. W. Norton & Company, 1978.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin – **Obras escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. In: **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. 2007. p. 460-460.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Trad. Isabel Crossetti – Porto Alegre; Sulina – 3ª Edição. 2012 – (Coleção Cibercultura) p. 229.

SODRÉ, Muniz. A forma de vida da mídia. **Entrevista concedida à Revista Pesquisa Fapesp**, 2002.